

PRÊMIO ABA DE ENSINO DE ANTROPOLOGIA
35ª Reunião Brasileira de Antropologia, UFG, Goiânia

Categoria: Melhor Trabalho de Ensino de Antropologia no Brasil

Formato: Relato de experiência didática

Ler Antropologia em inglês, permanecer na pós-graduação: a construção e consolidação de uma experiência didática de inclusão no PPGAS-USP

Autoras:

Thais Tiriba (Recém-egressa)

Carla Brito Sousa Ribeiro (Doutoranda)

Laura Moutinho (Professora Livre-Docente)

Instituição:

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP)

Maio de 2026

Ler Antropologia em inglês, permanecer na pós-graduação: a construção e consolidação de uma experiência didática de inclusão no PPGAS-USP

Resumo

Esta submissão apresenta as *Oficinas de leitura de textos de Antropologia em inglês*, desenvolvidas no PPGAS-USP desde 2021, como uma experiência de ensino de Antropologia voltada à inclusão e à permanência na pós-graduação. Criadas no contexto das ações afirmativas do Programa, a partir de uma parceria entre coordenação, docentes e discentes do PPGAS-USP, as *Oficinas* partiram da percepção de que retirar a prova de proficiência do processo seletivo foi uma conquista importante, mas insuficiente para garantir o acesso efetivo à bibliografia em língua estrangeira. A proposta das *Oficinas* tem sido construir um espaço de formação no qual estudantes possam ganhar autonomia na leitura de textos antropológicos em inglês, ampliar seu repertório bibliográfico e incorporar essa produção a suas pesquisas. A metodologia combina leitura instrumental, debate coletivo e avaliação formativa, sempre a partir de textos da disciplina, contribuindo também para a familiarização com o léxico, os debates e as formas de argumentação próprios da antropologia. Desde 2021, 75 estudantes passaram pelas *Oficinas*, cuja aprovação passou a valer como comprovação de proficiência em inglês no Programa. Assumindo o formato de relato de experiência didática, este texto retoma o percurso da iniciativa, desde o projeto-piloto na graduação até sua consolidação na pós-graduação, e se apoia em publicações anteriores e em questionário respondido por 23 ex-participantes no início de 2026. As respostas indicam efeitos sobre a confiança diante dos textos em inglês, melhoria no acompanhamento de disciplinas, na participação em aula, na sensação de pertencimento e, especialmente, no uso de bibliografia estrangeira nas pesquisas. Argumentamos que as *Oficinas* deslocaram a proficiência de uma exigência burocrática para uma experiência coletiva de formação no ofício antropológico.

1.Introdução

Esta submissão para o Prêmio ABA de Ensino de Antropologia da 35ª. Reunião Brasileira de Antropologia apresenta a construção e consolidação de uma experiência de ensino de Antropologia desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da

Universidade de São Paulo (PPGAS-USP): as *Oficinas de leitura de textos de Antropologia em inglês*.

Este texto foi elaborado conjuntamente pelas responsáveis pela iniciativa: Laura Moutinho, professora do PPGAS-USP e coordenadora geral das *Oficinas*; Thais Tiriba, recém-egressa do doutorado no Programa; e Carla Ribeiro, doutoranda no PPGAS-USP. Thais e Carla são as coordenadoras pedagógicas da iniciativa e ministram as *Oficinas* desde 2021 para suas e seus colegas de pós-graduação. Ambas tinham experiência prévia no ensino de línguas estrangeiras, o que foi fundamental para a construção da metodologia do curso.

As três autoras desenvolvem pesquisas em contextos africanos, especialmente na África do Sul e no Senegal, onde multilinguismos e disputas em torno das línguas de ensino atravessam também a vida universitária. Essas experiências foram centrais para a construção das *Oficinas* porque nos aproximaram de iniciativas de universidades africanas voltadas à formação linguística de seus estudantes e reforçaram nossa percepção de que o acesso a línguas estrangeiras amplia horizontes de pesquisa e de diálogo com antropologias produzidas em diferentes contextos nacionais. Nas *Oficinas*, buscamos tratar o inglês como uma língua de circulação acadêmica que não se confunde apenas com o Norte Global, trabalhando com textos produzidos em diferentes lugares e trazendo para a conversa o plurilinguismo que atravessa as universidades dos países africanos com os quais dialogamos. Essa perspectiva também ajuda a pensar outras situações presentes na pós-graduação brasileira. No caso de estudantes indígenas, o português nem sempre é a primeira língua. No caso de estudantes estrangeiros, o ingresso no Programa também pode envolver diferentes mediações linguísticas. Por isso, embora as *Oficinas* tenham se concentrado no inglês, a metodologia construída, baseada em etapas de aproximação, leitura e compreensão textual, pode contribuir para pensar o acesso a textos acadêmicos em outras línguas.

Criadas no contexto da aprovação das ações afirmativas do Programa (Marques *et al.*, 2016; De Fiori *et al.*, 2017; Amparo *et al.*, 2022) e oferecidas desde 2021, as *Oficinas de leitura de textos de Antropologia em inglês* foram pensadas como uma resposta pedagógica a uma dificuldade conhecida, mas muitas vezes tratada como problema individual: o acesso desigual à bibliografia em língua estrangeira na formação de pós-graduandas e pós-graduandos.

A partir de nossa experiência e da importante produção sobre ações afirmativas na pós-graduação, sabemos que a entrada no PPGAS não garante as condições de permanência. A retirada da prova de proficiência em língua estrangeira do processo seletivo do PPGAS-USP

em 2019 foi uma mudança importante, pois deslocou uma barreira de ingresso que atingia de maneira desigual estudantes com diferentes trajetórias escolares, raciais e de classe (Tiriba, Ribeiro e Moutinho, 2024; Amparo *et al.*, 2022). No entanto, a exigência da proficiência permaneceu como parte da formação. No PPGAS-USP é necessário comprovar domínio de uma língua estrangeira antes do exame de qualificação, que costuma ocorrer na metade dos cursos de mestrado e doutorado. A reprovação nesta etapa leva ao jubramento.

Por iniciativa da professora Laura Moutinho, então coordenadora do PPGAS-USP, e com apoio de docentes do Programa, foi possível reconhecer as *Oficinas* como alternativa ao exame de proficiência em inglês. A partir de 2021, a participação e a aprovação nas *Oficinas* passaram a valer como comprovante institucional. Esse reconhecimento teve efeitos importantes. Como a proficiência precisa ser comprovada antes do exame de qualificação, a reprovação ou a não aprovação dentro do prazo pode comprometer o percurso da estudante ou do estudante e, no limite, sua permanência no Programa. A criação de uma via alternativa ofereceu um novo caminho para cumprir essa exigência.

O problema, entretanto, vai além da aprovação na prova de proficiência. Na pós-graduação em Antropologia, o inglês aparece nos programas das disciplinas, nas leituras obrigatórias e complementares, nos seminários, nos projetos de pesquisa, nos exames de qualificação, nas dissertações e nas teses. Essa barreira linguística compromete a participação em aula, a formulação de questões, o acompanhamento dos debates, a escolha de referências e a própria relação do corpo discente com a pós-graduação. Quando essa dificuldade é vivida de forma isolada, ela pode produzir medo, vergonha, silêncio em sala e sensação de não pertencimento (Tiriba, Ribeiro e Moutinho, 2024). O desafio, portanto, residia em criar condições para que estudantes pudessem ler textos antropológicos em inglês com mais autonomia, participar dos debates da disciplina e incorporar essa bibliografia às suas pesquisas.

Por termos esse horizonte, as *Oficinas*, desde sua criação, nunca se confundiram com um curso de idioma. O que se propunha era mais específico: criar condições para que estudantes com pouco, médio ou inseguro domínio do inglês pudessem ler textos antropológicos nesse idioma, reconhecer sua estrutura, situar sua autoria, identificar argumentos, acompanhar conceitos e participar dos debates coletivos em sala. Tratava-se, portanto, de ensinar a ler Antropologia em inglês.

Nossa iniciativa foi testada inicialmente, em 2018 e 2019, com estudantes da graduação em Ciências Sociais e desde 2021, vem sendo oferecida na pós-graduação. Dada a ampla linha do

tempo, já tivemos oportunidade de refletir sobre seu desenvolvimento e de registrar parte dessa experiência e metodologia em publicações anteriores (Moutinho, Tiriba e Brusco, 2021; Tiriba, Ribeiro e Moutinho, 2024).

Entretanto, esse relato de experiência didática também se apoia em dados novos. Para preparar a sexta edição das *Oficinas de leitura de textos de Antropologia em inglês*, prevista para o segundo semestre de 2026, enviamos um novo questionário a ex-participantes. A ideia inicial era ouvir quem já havia passado pelo curso para entender o que funcionou, o que poderia ser ajustado e o que ainda poderia ser melhorado. As respostas nos animaram para elaborar essa submissão, uma vez que ajudam a olhar para a iniciativa a partir de seus efeitos sobre a formação das estudantes e dos estudantes.

Desde 2021, passaram pelas *Oficinas* 75 estudantes. O questionário foi respondido por 23 ex-participantes, vinculados a diferentes edições entre 2021 e 2025.

As respostas ao novo questionário indicam que as *Oficinas* tiveram efeitos em diferentes dimensões da formação na pós-graduação em Antropologia. Depois da participação, estudantes relataram mais confiança diante dos textos em inglês, redução da sensação de “não entendo nada”, uso mais frequente de estratégias de leitura e melhora no acompanhamento de disciplinas com bibliografia em inglês. As respostas também apontam efeitos sobre a participação em aula, o uso de bibliografia estrangeira nas pesquisas e a relação do corpo discente com a pós-graduação.

Acreditamos que as *Oficinas de leitura de textos de Antropologia em inglês* constituem uma experiência de sucesso de ensino de Antropologia. As respostas ao novo questionário demonstram que as *Oficinas* não apenas auxiliaram estudantes a comprovar proficiência, mas criaram uma prática pedagógica voltada à permanência, à participação em sala, ao acesso à bibliografia e ao aprendizado do ofício antropológico. Ao fazer isso, deslocaram a proficiência de uma exigência burocrática para uma formação situada, coletiva e, fundamentalmente, disciplinar.

Neste relato de experiência didática, apresentamos os pressupostos pedagógicos que orientam a iniciativa, com atenção ao papel formativo dos Programas de Pós-Graduação e à leitura em língua estrangeira como parte da formação acadêmica. Em seguida, retomamos o percurso das *Oficinas*, desde o projeto-piloto na graduação até sua consolidação na pós-graduação. Depois, descrevemos a metodologia construída ao longo dos anos, destacando como o trabalho com textos antropológicos em inglês articulou leitura instrumental, debate coletivo e formação

disciplinar. Na seção seguinte, discutimos a avaliação formativa, especialmente o trabalho final e sua relação com a proficiência e com as pesquisas das pessoas participantes. Por fim, apresentamos os principais resultados indicados pelo artigo publicado em 2024 e pelo novo questionário aplicado em 2026, antes de retomar a contribuição das *Oficinas* para o ensino de Antropologia, a permanência na pós-graduação e o acesso à bibliografia em língua estrangeira.

2. Pressupostos pedagógicos que orientam a iniciativa: o papel formativo dos PPGs

A experiência das *Oficinas* parte de um pressuposto elementar: os Programas de Pós-Graduação são responsáveis por formar estudantes para lidar com os códigos da vida acadêmica. Entre esses códigos está a leitura de bibliografia em língua estrangeira. No caso da Antropologia, textos em inglês aparecem nas disciplinas, nos seminários, nos projetos de pesquisa, nos exames de qualificação, nas dissertações e nas teses. Por isso, a dificuldade de leitura em inglês não pode ser tratada apenas como uma pendência individual da estudante ou do estudante. Ela atravessa a formação e, portanto, precisamos nos dedicar a construir maneiras de enfrentá-la pedagogicamente.

As respostas ao novo questionário aplicado a ex-participantes das *Oficinas* ajudam a explicitar esse ponto. Antes das *Oficinas*, todas as pessoas respondentes indicaram algum grau de receio em relação ao exame de proficiência em inglês. Também antes das *Oficinas*, dezesseis das vinte e três pessoas avaliavam sua capacidade de ler textos acadêmicos em inglês como média, baixa ou muito baixa. Ao descreverem sua relação com a leitura em inglês, apareceram termos como insegurança, ansiedade, vergonha, frustração, deslocamento e incapacidade. A dificuldade, portanto, não aparecia somente como falta de vocabulário ou de treino. Ela afetava a maneira como estudantes se percebiam na pós-graduação e sua possibilidade de participar das atividades do Programa com mais segurança. Nesse contexto, a estudante ou o estudante compreende que deveria “dar conta”, mas nem sempre encontra um espaço formativo para aprender como fazer isso.

Esse problema ganha ainda mais força em Programas que implementaram ações afirmativas. A ampliação do acesso à pós-graduação altera o perfil discente, diversifica trajetórias e temas de pesquisa. Ao mesmo tempo, ajuda a descortinar expectativas acadêmicas antes naturalizadas, entre elas a suposição de que toda pessoa admitida em um programa de pós-graduação já domina os códigos necessários para ler textos acadêmicos em inglês. Essa

suposição nunca correspondeu à realidade. A dificuldade com idiomas estrangeiros já atravessava a experiência universitária muito antes das políticas de inclusão (Almeida, 2014), mas os novos coletivos de estudantes ajudaram a nomear e enfrentar essa forma silenciosa de exclusão.

A experiência das *Oficinas* reforça que a leitura em língua estrangeira precisa ser ensinada como parte da formação acadêmica. Ler um artigo antropológico em inglês envolve reconhecer o gênero textual, identificar a autoria, observar título, resumo e palavras-chave, levantar hipóteses sobre o argumento, acompanhar conceitos, localizar marcadores do discurso, perceber a organização dos parágrafos e relacionar o texto a debates mais amplos. Essas operações fazem parte da leitura disciplinar. Pesquisas no campo das linguagens têm insistido que as comunidades acadêmicas precisam se responsabilizar pelo letramento de seus estudantes, tanto em português quanto em línguas estrangeiras (Ferreira e Stella, 2018).

Nesse sentido, ao tomar esse problema como questão pedagógica, as *Oficinas* também produziram um deslocamento institucional. A proficiência deixou de aparecer como exigência burocrática e passou a ser trabalhada como percurso de formação. A avaliação por meio das *Oficinas* exigia presença, participação e trabalho final. Assim, a certificação em proficiência foi articulada a uma experiência continuada de leitura, debate e produção de autonomia.

3. Histórico da iniciativa: do projeto-piloto à oficina de pós-graduação

As *Oficinas de leitura de textos de Antropologia em inglês oferecidas* no PPGAS-USP foram precedidas por uma experiência-piloto realizada na graduação em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, nos anos de 2018 e 2019. Naquele momento, nossa proposta foi aproximar estudantes de graduação a novos gêneros textuais acadêmicos da Antropologia em língua inglesa. A iniciativa foi coordenada pela professora Laura Moutinho e pela então pós-graduanda Thais Tiriba e buscava articular o conteúdo das disciplinas de Antropologia com estratégias de leitura instrumental em inglês.

O projeto-piloto foi desenvolvido junto às disciplinas introdutórias. Na época, Thais formulou a metodologia e ministrou as oficinas para os estudantes de graduação enquanto também atuava como estagiária docente¹. Em 2018, as atividades acompanharam debates clássicos da

¹ Em 2019 Thais contou com o suporte do colega doutorando Rodrigo Brusco, com quem ministrou as *Oficinas* naquele ano (Moutinho, Tiriba e Brusco, 2021).

Antropologia. Em 2019, voltaram-se a discussões contemporâneas. A escolha dos textos em inglês seguia o conteúdo trabalhado em sala. Assim, estudantes eram convidados a ler resenhas, verbetes, obituários, entrevistas e trechos de artigos que conversavam com temas já apresentados em português nas disciplinas regulares (Moutinho, Tiriba e Brusco, 2021). Essa articulação foi importante para a construção da metodologia que depois seria levada à pós-graduação: o texto em inglês era trabalhado a partir de um repertório antropológico previamente compartilhado.

A experiência mostrou que estudantes com pouco domínio do idioma conseguiam acessar textos em inglês quando recebiam mediações adequadas. Muitos relataram que as *Oficinas* ajudaram a “perder o medo” do inglês. Outros disseram que haviam conseguido ler um texto acadêmico nesse idioma pela primeira vez. Para estudantes com maior familiaridade com a língua, as *Oficinas* também funcionaram como espaço de revisão de conteúdos e de preparação para as avaliações das disciplinas obrigatórias. Esse retorno positivo indicou que havia uma demanda mais ampla por práticas de leitura em inglês vinculadas ao ensino de Antropologia.

Foi a partir dessa experiência na graduação que a proposta começou a ganhar outro alcance. Estudantes de pós-graduação passaram a frequentar as *Oficinas* e a expressar uma demanda específica: a necessidade de ler textos em inglês nas disciplinas do PPGAS, de lidar com a exigência de proficiência e de usar bibliografia estrangeira em suas pesquisas.

O ano de 2020 foi marcado pelas difíceis adaptações da comunidade da pós-graduação ao ambiente virtual decorrentes da crise sanitária. Porém, no ano seguinte, em 2021 conseguimos reformular a iniciativa e direcioná-la para a pós-graduação, então sob a coordenação da professora Laura Moutinho no PPGAS. O desenho da proposta preservou elementos do projeto-piloto e foi adaptado às exigências do novo público. O foco passou a ser a leitura de artigos, entrevistas e textos antropológicos relacionados a debates contemporâneos da disciplina, com atenção às pesquisas em andamento das pessoas participantes.

O primeiro ciclo, em 2021, ocorreu em formato remoto, durante a pandemia de Covid-19. Essa condição atravessou a escolha dos textos e a organização dos encontros. A pandemia era, ao mesmo tempo, uma experiência compartilhada e um tema de reflexão antropológica para todos. Por isso, os textos escolhidos naquele ano abordavam diferentes dimensões da crise sanitária, seus efeitos sociais, políticos e cotidianos. Essa escolha permitia acionar conhecimentos prévios das estudantes e dos estudantes, pois todos estavam vivendo, lendo e debatendo os efeitos da pandemia em suas próprias pesquisas.

Em 2021, foram realizados nove encontros, com carga horária total de 13 horas. Em 2022, a demanda aumentou e a *Oficina* recebeu também estudantes de outros Programas de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo. Naquele ano, foram realizados 25 encontros, com carga horária total de 37 horas. A ampliação do público levou também à ampliação do escopo dos textos. A Antropologia seguiu orientando as leituras, e as *Oficinas* foram construídas a partir de artigos sobre colonialismo, pós-colonialismo, circulação de conhecimento e regimes de poder.

Ao longo dos anos seguintes, a iniciativa continuou sendo oferecida e consolidou-se como uma experiência formativa no PPGAS-USP. Por conta de nossa capacidade limitada – as *Oficinas* são anualmente formuladas e ministradas por duas doutorandas – foi necessário voltar o escopo das *Oficinas* ao PPGAS.

O novo questionário respondido por ex-participantes permite olhar retrospectivamente para esse percurso. A nossa iniciativa se tornou parte do percurso formativo de estudantes da pós-graduação. Para muitas pessoas, as *Oficinas* foram o caminho por meio do qual a exigência de proficiência pôde ser cumprida. Mas foram também um espaço de aproximação com textos, autoras, autores, conceitos e debates da Antropologia. O questionário mostra que a experiência foi lembrada tanto pelo efeito sobre a leitura em inglês quanto pelo modo como contribuiu para a formação disciplinar.

Esse percurso mostra que a iniciativa foi sendo construída por acúmulo: primeiro, como experiência de leitura em inglês vinculada às disciplinas de graduação; depois, como resposta a uma demanda da pós-graduação; por fim, como uma prática incorporada ao percurso formativo do PPGAS-USP. Ao longo dessas passagens, a proposta manteve o mesmo eixo: criar mediações para que estudantes pudessem acessar textos antropológicos em inglês e participar mais plenamente dos debates da disciplina.

4. Metodologia: como se ensina a ler Antropologia em inglês

Cada encontro era organizado em torno de textos de Antropologia. A escolha seguia dois critérios: os textos precisavam permitir o trabalho com ferramentas de leitura em inglês e, ao mesmo tempo, abrir boas discussões disciplinares.

Todas as atividades foram formuladas pelas ministrantes doutorandas Thais e Carla, e foram sendo aperfeiçoadas ao longo dos anos.

Em todas as edições, escolhemos uma temática comum para organizar os encontros do semestre. Isso ajudava a criar uma base compartilhada entre participantes com pesquisas muito diferentes e permitia que, ao longo das sessões, o grupo acumulasse um léxico comum. Em 2021, como mencionado anteriormente, os textos trataram da crise sanitária durante a pandemia de Covid-19 e de seus efeitos sociais, políticos e cotidianos. Como todas as pessoas estavam atravessadas por essa experiência, o tema permitia acionar conhecimentos prévios antes da leitura. Em 2022, os textos antropológicos em inglês se voltaram aos debates sobre colonialismo, pós-colonialismo e regimes de poder. Em 2023, retomamos os debates sobre a pandemia de Covid-19. Em 2024 e 2025, o conjunto de textos trabalhou debates sobre políticas linguísticas na Antropologia.

Os encontros começam com um *checklist* inicial, antes da entrada no texto. Ao se depararem com o texto de antropologia em inglês, participantes eram convocados a iniciar pelas beiradas. Título, autoria, periódico, palavras-chave. Estrutura do texto, gênero textual. Se havia cognatos (palavras de grafia e definição similar em português e inglês) no título e resumo. Pedíamos que os colegas tentassem antecipar o tema do texto, a audiência do texto e formular hipóteses sobre seu conteúdo. Essas hipóteses orientavam a leitura e diminuía a sensação de desorientação. O texto deixava de ser enfrentado linha por linha, e passava a ser lido a partir de perguntas: sobre o que ele parece tratar? Que termos se repetem? Que debate antropológico pode estar sendo mobilizado?

Depois desse primeiro contato com o novo texto, pedíamos aos estudantes que buscassem as respostas das perguntas-guia de cada parágrafo do texto. As perguntas-guia eram uma das principais ferramentas da oficina. Formuladas em português pelas ministrantes, mas com palavras, expressões e cognatos presentes no texto em inglês, elas ajudavam estudantes a localizar informações, acompanhar a sequência do argumento e perceber que era possível compreender partes importantes do texto sem dominar todo o vocabulário. As perguntas podiam orientar a leitura individual, organizar a discussão coletiva ou chamar atenção para aspectos linguísticos, como cognatos, marcadores do discurso e processos de formação de palavras.

Terminada essa etapa, as ministrantes faziam uma correção coletiva, pedindo para os estudantes identificarem as respostas no texto.

Ao lado das perguntas-guia, as *Oficinas* também apresentavam ferramentas de leitura instrumental. Essas eram atividades que usavam o próprio texto de antropologia em inglês para

apresentar aos estudantes ferramentas úteis de leitura. Ao longo das sessões os estudantes aprenderam sobre processos de formação de palavras em inglês, uma ferramenta muito útil para inferir significado a partir dos processos de prefixação e sufixação; aprenderam sobre a formação grupos nominais, que é inversa a de português e que auxilia os estudantes a entender a hierarquia das palavras na frase; estudantes foram apresentados a marcadores do discurso e sua função na construção dos argumentos dos autores, entre outras atividades.

A leitura, dessa forma, era feita por camadas. Primeiro, uma leitura de reconhecimento: título, autoria, gênero textual, resumo e palavras conhecidas. Depois, uma leitura orientada pelas perguntas-guia. Em seguida, uma leitura mais detida de trechos selecionados, com atenção às ferramentas instrumentais. Por fim, o debate do argumento e de sua contribuição para a discussão antropológica. Esse ritmo permitia que estudantes voltassem ao texto mais de uma vez, com objetivos diferentes.

O debate coletivo era parte central da metodologia. Depois da leitura individual e da localização das respostas às perguntas-guia, o grupo discutia o texto como escrita de Antropologia. As participantes e os participantes comentavam conceitos, comparavam argumentos, levantavam dúvidas, relacionavam o texto às próprias pesquisas e discutiam seus usos possíveis. A leitura em inglês, assim, seguia para a discussão disciplinar.

As respostas ao questionário aplicado no início de 2026 mostram que esses componentes foram reconhecidos pelas pessoas que participaram da iniciativa. As perguntas-guia aparecem como uma das estratégias mais lembradas. Também foram destacadas a identificação de cognatos e palavras transparentes, os marcadores do discurso, a formação de palavras, os grupos nominais, o *checklist* pré-leitura e a correção coletiva. Confiamos que esses dados indicam que a metodologia foi apropriada pelos estudantes como um conjunto de ferramentas reutilizáveis. Várias pessoas relataram seguir usando essas estratégias depois da conclusão das *Oficinas*. Algumas passaram a observar melhor título, resumo, autoria e gênero textual antes de iniciar a leitura. Esse uso posterior mostra que as *Oficinas* não produziram apenas uma experiência pontual de leitura, mas também um repertório prático para lidar com outros textos.

A metodologia das *Oficinas*, portanto, combinou mediação linguística, leitura acadêmica e formação antropológica. As respostas ao questionário aplicado a ex-participantes indicam que essas frentes foram reconhecidas pelas pessoas que passaram pela iniciativa. O debate coletivo dos textos antropológicos foi considerado muito importante por 17 dos 23 respondentes. Vinte e duas pessoas afirmaram que as *Oficinas* ajudaram a ler textos antropológicos de forma mais

situada, levando em conta tema, autoria, gênero textual e debate disciplinar. Também 22 pessoas disseram que as *Oficinas* contribuíram, em alguma medida ou muito, para o aprendizado do ofício da Antropologia.

5. A avaliação como formação: proficiência, leitura situada e trabalho final

A avaliação das *Oficinas* foi pensada como parte do processo formativo. Como o PPGAS-USP exige a comprovação de proficiência em língua estrangeira antes do exame de qualificação, era necessário construir um caminho que tivesse validade institucional e, ao mesmo tempo, fosse coerente com a proposta pedagógica das *Oficinas*. A aprovação no curso passou a servir como certificação de proficiência em inglês para estudantes vinculados ao Programa, desde que fossem cumpridos os critérios estabelecidos: frequência mínima de 75% nos encontros e entrega de um trabalho final.

A prova tradicional de proficiência costuma concentrar a avaliação em um único momento. A estudante ou o estudante recebe um excerto de texto em inglês, responde a questões de interpretação em português e, a partir desse desempenho pontual, comprova ou não sua proficiência. Nas *Oficinas*, a avaliação acompanhava um processo de leitura, participação, retomada de estratégias e aplicação das ferramentas trabalhadas ao longo dos encontros.

Para o trabalho final, cada participante deveria escolher um artigo científico em inglês de importância para sua própria pesquisa. O texto não poderia ter tradução disponível em português ou espanhol. A atividade final consistia em aplicar ao texto as estratégias desenvolvidas nas *Oficinas*. Na nossa experiência, a elaboração dessa atividade demonstra a compreensão do uso das ferramentas utilizadas, para além do entendimento do texto isoladamente. Assim, participantes passam a aplicá-las a leituras posteriores em qualquer idioma.

Na elaboração do trabalho, a participante ou o participante deveria, primeiramente, oferecer o *checklist* de leitura, como fazíamos em aula. Localizar o texto, autoria, meio de circulação e público do artigo. A pessoa participante então deveria formular perguntas-guia de acesso ao texto de maneira a acompanhar a construção do argumento. Finalmente, deveria reconhecer e identificar no texto a presença de elementos da leitura instrumental trabalhados em aula: processos de formação de palavras, grupos nominais, marcadores do discurso e outros elementos trabalhados ao longo dos encontros. A avaliação, portanto, incidia sobre a capacidade de entrar no texto, localizar informações, levantar hipóteses e relacionar a leitura

ao próprio percurso de pesquisa. Ao mesmo tempo, também era necessário empregar as ferramentas de leituras aprendidas durante o curso.

Nesse sentido, o trabalho final aproximava a proficiência da pesquisa. Em vez de ler um texto escolhido apenas para a prova, cada estudante escolhia um artigo relacionado ao próprio tema. A atividade final permitia experimentar as ferramentas de leitura em um material que tinha interesse direto para sua formação.

Essa dimensão aparece nas respostas ao questionário. Depois das *Oficinas*, 22 pessoas disseram que sua capacidade de usar bibliografia em inglês na própria pesquisa melhorou: nove responderam “melhorou bastante” e 13 “melhorou um pouco”. Vinte afirmaram que passaram a incluir mais textos em inglês em suas pesquisas: cinco “muito mais” e 15 “um pouco mais”. Em relação à leitura sem depender integralmente de tradução automática ou ajuda de terceiros, dez responderam “muito” e onze “em parte”. Esses dados sugerem que os efeitos das *Oficinas* ultrapassaram a certificação da proficiência e alcançaram também o uso da bibliografia em inglês na pesquisa.

6. Considerações finais: da proficiência à formação

No artigo publicado em 2024, já havíamos identificado que a dificuldade com o inglês incidia sobre a permanência e a participação na pós-graduação. Naquele primeiro levantamento, feito com 23 respondentes das *Oficinas* de 2021 e 2022, 15 estudantes afirmaram ter enfrentado dificuldades ao cursar disciplinas na pós-graduação por não considerarem possuir domínio da língua inglesa; oito relataram dificuldades semelhantes ainda na graduação. Apenas cinco, entre 23 respondentes, afirmaram não ter recusado ou perdido oportunidades por não conseguir comprovar habilidades com o idioma. As respostas abertas registravam sensação de isolamento, desconforto em debates com bibliografia em inglês, crises de ansiedade, sentimento de incapacidade e dificuldade de acessar os mesmos conhecimentos que colegas com maior domínio da língua.

No novo questionário aplicado no início de 2026 as também 23 respostas indicam que, depois da participação, a capacidade de acompanhar disciplinas com bibliografia em inglês melhorou para todas as pessoas respondentes: sete disseram que melhorou bastante e 16 que melhorou um pouco. Em relação à participação em debates de aula quando havia bibliografia em inglês, oito responderam que melhorou bastante, 12 que melhorou um pouco. Perguntadas

retrospectivamente se as *Oficinas* ajudaram a ampliar sua participação em aula, seis responderam “muito”, 13 “em parte”.

Os dados também apontam efeitos sobre pertencimento e pesquisa. Onze respondentes afirmaram que as *Oficinas* ajudaram muito a ampliar sua sensação de pertencimento à pós-graduação; sete responderam “mais ou menos”. Sobre o uso de bibliografia em inglês na própria pesquisa, nove disseram que sua capacidade melhorou bastante, 13 que melhorou um pouco. Vinte respondentes afirmaram ter passado a incluir mais textos em inglês na pesquisa depois das *Oficinas*: cinco “muito mais” e 15 “um pouco mais”. Além disso, 17 pessoas disseram que as *Oficinas* ajudaram muito a usar textos em inglês como parte efetiva da formação intelectual e da pesquisa; cinco responderam “mais ou menos”. Em conjunto, esses dados indicam que a iniciativa incidiu sobre proficiência, participação em aula, acesso à bibliografia, pesquisa e permanência na pós-graduação.

As respostas ao novo questionário também ajudam a delimitar o que havia de especificamente antropológico nas *Oficinas*. Das 23 pessoas respondentes, 13 afirmaram que elas foram igualmente um espaço de apoio à leitura em inglês e de formação em Antropologia; sete as perceberam mais como apoio à leitura; uma as definiu principalmente como formação em Antropologia; e duas como apenas apoio à leitura em inglês. Ao mesmo tempo, 22 respondentes disseram que as *Oficinas* ajudaram, muito ou em alguma medida, a ler textos antropológicos de forma situada, levando em conta tema, autoria, gênero textual e debate disciplinar. O debate coletivo dos textos foi considerado muito importante por 17 pessoas; 22 ponderaram que a experiência contribuiu, muito ou em alguma medida, para o aprendizado do ofício da Antropologia; e todas as 23 defenderam que iniciativas como essa deveriam fazer parte de forma mais estável da formação em Antropologia na pós-graduação.

As três autoras dessa submissão, docente do programa, e as duas ministrantes e responsáveis pela metodologia, uma recém egressa e uma doutoranda, acreditam nos efeitos positivos dessa iniciativa construída em uma parceria muito próxima entre a coordenação do PPGAS-USP, docentes e pós-graduandas e pós-graduandos. Desde 2018, seguimos empenhadas em aperfeiçoar o projeto, e o questionário do início de 2026 representa mais um passo nessa direção.

Submetemos este relato de experiência didática ao Prêmio ABA de Ensino de Antropologia porque confiamos que ele pode contribuir para a conversa sobre ensino, permanência e formação na pós-graduação. A iniciativa nasceu de uma demanda do PPGAS-USP, mas a dificuldade com a leitura em inglês, e seus efeitos sobre a participação em aula, o acesso à bibliografia, a pesquisa e ao sentimento de pertencimento, certamente atravessa outros Programas. Esperamos que o possível reconhecimento das *Oficinas* ajude a dar visibilidade a esse problema e motive outras experiências voltadas ao acesso, à leitura e ao debate de bibliografia em língua estrangeira na formação em Antropologia.

Agradecimentos

Agradecemos a todas e todos os estudantes do PPGAS que participaram das *Oficinas* entre 2021 e 2025 e nos ajudaram na construção do curso. Expressamos nossa gratidão às professoras Fernanda Peixoto e Marina Vanzolini e ao professor Júlio Assis Simões pelo apoio às primeiras iniciativas. Agradecemos também a Silvana Nascimento e Renato Sztutman, que ocuparam a coordenação do PPGAS nos anos seguintes às experiências iniciais e apostaram na validade da proposta, permitindo sua consolidação. Por fim, estendemos nossos agradecimentos à Comissão de Ações Afirmativas (COPAF), à comunidade discente e docente do PPGAS-USP e a seus funcionários, pela parceria que tornou possível a continuidade das *Oficinas*.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens sociais e os desafios da permanência na universidade pública. In: PIOTTO, Débora C. (org.). *Camadas populares e universidades públicas: trajetórias e experiências escolares*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014. p. 239-272.

AMPARO, A. G. J. et al. Avanços e desafios do primeiro quinquênio das Ações Afirmativas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. *Cadernos de Campo*, (São Paulo-1991), [s.l.], v. 31, n. 2, p. e206190, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v31i2pe206190. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/206190>.

DE FIORE, Ana Letícia. et al. O tempo e o vento: notas sobre a arte de burocratizar políticas de cotas na USP. *Revista de Antropologia*, [s.l.], v. 60, n. 1, p. 55-83, 2017. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2017.132101. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/132101>.

FERREIRA, Marília Mendes; STELLA, Vivian Cristina Rio. *Redação acadêmica: múltiplos olhares para o ensino da escrita acadêmica em português e línguas estrangeiras*. São Paulo: FFLCH Humanitas, 2018.

MARQUES, Ana Cláudia et al. A proposta de cotas e ações afirmativas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo: do tédio à melodia. *Cadernos de Campo (USP)*, São Paulo, v. 25, p. 25-55, 2016.

MOUTINHO, Laura; TIRIBA, Thais; BRUSCO, Rodrigo. Ensino de Antropologia em inglês: reflexões sobre uma experiência de inclusão. *Revista de Antropologia*, [s.l.], v. 64, n. 3, 2021.

TIRIBA, Thais; RIBEIRO, Carla; MOUTINHO, Laura. “A relação com o inglês mexe até com minha autoestima”: dilemas sobre acesso à língua estrangeira e inclusão em uma iniciativa didática no PPGAS-USP. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 26, n. 1, e93939, p. 92-114, janeiro de 2024. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2024.e93939>.